

AMOR E GUERRA NA ELEGIA LATINA

Profa. Dra. Márcia Regina de Faria da Silva (UERJ)

RESUMO: Os poetas elegíacos romanos estabelecem, em seus versos, uma forte relação entre o amor e a guerra. Os vocábulos usados para descrever os deuses do amor, Vênus e Cupido, ou o próprio ato amoroso, associam-se a vocábulos bélicos. Trava-se uma batalha entre os amantes ou entre o deus do Amor e aquele que foi ferido por sua flecha. Essa associação explica-se por questões míticas, as relações amorosas entre a deusa do amor e o deus da guerra, nas mitologias grega e latina, e também por questões históricas, já que o nascimento da elegia, em Roma, acontece em um momento conturbado de guerras externas e internas. Exemplificaremos a relação entre amor e guerra com versos dos principais poetas que escreveram elegias amorosas, em Roma, Catulo, Tibulo, Propércio e Ovídio.

Palavras-chave: elegia; guerra; amor

Conta a lenda que a deusa do Amor, Afrodite, teve, na Grécia, um duplo nascimento. Foi considerada a filha do sangue e do esperma de Urano. Este foi destronado por Cronos, que cortou seu pênis e o lançou ao mar, onde caiu o membro nasceu Afrodite. Mas também era honrada como a filha de Zeus e Dione, portanto pertencente à terceira geração divina. O fato é que Afrodite era casada com Hefesto, o artífice dos deuses, contudo mantinha um relacionamento com Ares, o deus da guerra. Segundo Pierre Grimal (GRIMAL, 1997: 10), “dos amores de Ares e Afrodite nasceram Eros e Ênteros, Deimo e Fobo (o Terror e o Medo), a Harmonia (que mais tarde, em Tebas, se tornou a mulher de Cadmo).” Como podemos ver o relacionamento entre os deuses da guerra e do amor, apesar de aparentemente antagônicos, gerou muitos frutos. Alguns bastante temidos como Eros, Deimo e Fobo. Amor e guerra, portanto, estão relacionados desde a mitologia grega.

Os romanos belicosos e pragmáticos associaram os seus deuses Vênus e Marte, já existentes na mitologia itálica, aos deuses gregos Afrodite e Ares, após um longo processo de Helenização que se estendeu do século III ao I a.C.. Mas a ligação dos romanos com o amor e guerra é ainda mais forte. Vênus é mãe de Eneias, herói troiano, que saído dos incêndios da cidade, parte para a Itália, predestinado a fundar uma nova Tróia, que viria a ser Roma, séculos mais tarde, de acordo com a previsão da própria

mãe. A profecia se cumpre quando Marte engravida Reia Sílvia, descendente de Eneias. Nasce Rômulo, o fundador e o primeiro rei de Roma. Portanto, podemos afirmar que os romanos são filhos do amor e da guerra.

Foi com a guerra que os romanos tornaram-se os senhores da Itália, derrotando seus inimigos gradativamente até chegar, em meados do século I a.C., a ser o maior império territorial da antiguidade. Mas foi o amor que ajudou a fazer com que Roma fosse lembrada para a posteridade, através de seus grandes poetas, especialmente os elegíacos, que não deixaram de relacionar, em seus poemas, a guerra e o amor. Muitas vezes a conquista amorosa é vista como uma batalha e os versos se adornam de vocábulos guerreiros.

Pode-se explicar essa relação entre poesia amorosa e guerra não só por fenômenos míticos, mas também por questões históricas. A poesia latina nasce com Catulo (84-54 a.C.), primeiro poeta de amor latino, que vive um período de guerras internas e externas, em que a poesia era considerada de menor importância que a prosa oratória e desenvolve-se em um círculo poético chamado pejorativamente de *poetae novi*. Ainda assim, Catulo e os outros poetas novos, dos quais não nos chegaram os poemas, trazem a Roma os ensinamentos dos poetas gregos, tanto do período arcaico (séculos VII a V a.C.), como Safo de Lesbos, como, especialmente, do período alexandrino (séculos III a II a.C.), marcado pelo cuidado com a forma e por poemas de extensões menores que a epopeia e a tragédia. Catulo apresenta uma grande variedade de metros, escrevendo odes, epigramas e, principalmente, elegias amorosas, que serão inspiração para os poetas romanos posteriores.

Em sua origem, a elegia era uma poesia composta de dísticos elegíacos, ou seja, um hexâmetro e um pentâmetro. Segundo Spalding a elegia era "... transição do ritmo uniforme da epopeia para a variedade quase infinita dos sistemas líricos; era, portanto, a mediadora entre epopeia e poesia lírica"(SPALDING, T. O., 76). Desenvolveu-se como forma poética já no século VII a.C., sendo usado o dístico elegíaco em inscrições ou em poemas cantados ao som da flauta. Quanto aos temas tratados eram muito variados: celebrações religiosas, feitos militares, dedicatórias, epitáfios, etc., não podendo, pois, ser classificada como elegia, através somente da temática. Nesta época, vemos como adeptos dessa poesia Calino, Tirteu e Mimnerno, porém o tema amoroso não era o principal, só tendo sido tratado pelo terceiro poeta. Contudo, não se pode esquecer que René Martin e Jacques Gaillard (MARTIN, R. e GAILLARD, J., 1981:107-111) nos dizem que, na Grécia Antiga, a elegia não foi propriamente um gênero literário, pois os

poemas em dísticos elegíacos não tinham unidade de tema nem de tom e, por isso, poderiam ser considerados como sátiras, epigramas, poesia didática, mas não verdadeiramente elegias. No período Alexandrino, a elegia tornou-se popular, através de autores como Calímaco e Fílitas. Nessa poesia, a temática amorosa era muito ligada a heróis e heroínas mitológicos.

Em Roma, Catulo utiliza a temática amorosa, mas, muitas vezes, relacionada a uma mulher, não vinculada à mitologia. Em seus poemas, sua amada tinha o pseudônimo de Lésbia, em homenagem a Safo de Lesbos, poetiza admirada por Catulo. Segundo Pierre Grimal (GRIMAL, 1978: 117-118), foi a chegada de Partênio de Nice a Roma que precipitou o desenvolvimento da elegia, pois transmitiu aos romanos, inclusive a Catulo, seus conhecimentos sobre Calímaco, além de escrever para Cornélio Galo, o primeiro elegíaco da época de Augusto, cuja obra se perdeu, uma obra em prosa intitulada “*As paixões de amor*”, com muitas histórias de amor, pouco conhecidas, tiradas de autores gregos. Talvez isso explique o fato de muitas das referências mitológicas feitas pelos poetas elegíacos romanos serem quase desconhecidas.

Após longos anos de guerras civis, Augusto consegue estabelecer a paz interna e externamente, a chamada *Pax Romana*. É nesse período de paz que a poesia latina floresce e com ela a elegia amorosa, especialmente, com Tibulo, Propércio e Ovídio, e ganha caráter de um gênero elevado que quer a imortalidade. Esses poetas escrevem livros inteiros de elegias, normalmente dedicados a uma mulher, como Délia, em Tibulo, e Cíntia, em Propércio, que mantêm os pseudônimos como em Catulo.

As elegias amorosas de Tibulo são marcadas pela ausência da amada e pelo tom melancólico. Nega o heroísmo e apresenta o campo como lugar em que o amor pode ser realizado plenamente.

O amor por Cíntia foi o principal acontecimento da vida de Propércio e o fundamento da maior parte de seus poemas.

Ovídio ampliou os temas elegíacos romanos. Iniciou com as elegias amorosas para uma determinada mulher, em *Amores*; depois abordou o amor de personagens míticas, nas *Heroides*; transferiu o eixo do amor para a conquista amorosa, em *Ars Amandi*; e, finalmente, inaugurou uma elegia intimista sem ligação com a temática amorosa, em *Tristia e Pontica*.

Como observamos, Catulo, Tibulo e Propércio inspiraram-se em sua vida pessoal, em seus próprios amores. Ovídio não. Usou amores inventados. Porém, todos apresentam a mesma característica ao utilizar uma linguagem bélica, associada à

conquista amorosa. Observaremos, através dos poemas dos autores citados, como cada um trava sua própria guerra com o amor ou a amada.

Catulo, no poema 76, apresenta seu amor como a causa de todos os seus males, que o leva gradativamente à morte. Seu mal-estar assemelha-se ao de um soldado ferido, pedindo ajuda aos deuses.

O Dei, si uestrum est misereri, aut si quibus unquam
extremam iam ipsa in morte tulistis opem,
memiserumaspicite et, si uitam puriter egi,
eripitehancpestempniciemque mihi,
quaemihisubrepens imos ut torpor in artus
expulitexomnipeccatore laetitias. (17-22)

Ó Deuses, se é próprio de vós apiedar-vos
ou se algum dia destes o auxílio extremo
àqueles que já estavamna própria morte,
ouvi-me infeliz e, se conduzi a vida com pureza,
arrancai de mim este mal e este flagelo
que, surpreendendo-me como um profundo torpor em meu corpo,
expulsou as alegrias de todo meu coração.

O poeta usa um vocabulário ligado às ideias de dor, aflição e morte, como *in mortem*, *pestem* e *perniciem*, que poderia perfeitamente ser usado em um campo de batalha, dirigindo-se aos soldados feridos.

Em Tibulo também encontramos essa estreita proximidade entre amor e guerra. Um camponês é retratado como um soldado que trava com sua esposa as batalhas de Vênus. O ato amoroso é uma guerra no poema 10 do livro I.

Rusticus e lucoque uehit, male sobrius ipse,
uxorem plaustro progeniemquedomum.
Sed Veneris tunc bella calent, acissosque capillos
feminaperfractasconqueriturque fores;
flettenerassubtusagenas: sed uictor et ipse

fletsibi dementes tam ualuisse manus;
atasciuus Amor rixae mala uerba ministrat,
inter et iratum lentus utrumque sedet. (51-60)

E o camponês, ele mesmo pouco sóbrio, leva do bosque,
numa carroça, a mulher e os filhos para casa.
Mas as guerras de Vênus excitam-se então, e a mulher
queixa-se dos cabelos arrancados e das portas quebradas;
magoada chora nas delicadas faces; mas o vencedor chora
ele mesmo também por terem sido tão insanas as mãos;
contudo o atrevido Amor oferece à disputa palavras ofensivas,
e, indolente, senta-se entre um e outro irado.

Observamos, nestes versos, a presença dos deuses do amor, Vênus e seu filho, o Amor ou Cupido, ligados aos vocábulos *bella* e *rixae*, guerra e disputa, ou seja, o amor é uma guerra na qual há ferimentos, *capillosacissos* (cabelos arrancados) e destruição *foresperfractas* (portas quebradas) e também sofrimento, marcado pelo choro (*flet*) tanto da vencida e machucada *femina*, quanto do homem que vence (*uictor*), mas que lamenta ter machucado a mulher. E, ironicamente, o Amor senta-se *lentus* para ver a briga como se a violência num ato amoroso fosse algo normal.

Propércio também fez seu retrato do deus do Amor e também, por causa dele, travou a batalha amorosa, em que não há vencedores, apenas vencidos. O poema II do livro 12 descreve uma pintura de Cupido, vista pelo poeta.

Quicumque ille fuit, puerum qui pinxit Amorem,
nonne putas miras hunc habuisse manus? (1-2)

Quem quer que foi aquele, que pintou o Amor menino,
porventura não julgas que este tivesse tido mãos admiráveis?

O que destaca o amor na pintura, segundo o poeta, são suas asas e seus acessórios, tipicamente guerreiros.

Et merito hamatis manus est armata sagittis
et pharetra ex umero Gnosia utroque iacet:
ante ferit quoniam tuti quam cernimus hostem
nec quisquam ex illo uulnere sanus abit. (9-12)

E com razão a mão está armada com setas curvas
e a aljava de Creta está pendente de um e outro ombro:
visto que fere antes que seguros distingamos o inimigo
ninguém sadio afasta-se daquela flecha.

Cupido apresenta-se armado (*manusarmata*) e pronto para atacar com suas setas (*sagittis*), ele ainda traz em seus ombros a aljava (*pharetra*) e é um guerreiro excelente, pois jamais erra a pontaria (*nec abit*). Também notamos que o amante, que será atingido, é tratado como um inimigo (*hostem*), semelhante a uma guerra.

Em outro verso, Propércio diz que estar apaixonado, ou seja, com o deus do amor no coração, é equivalente a travar uma guerra.

assidusque meo sanguine bella gerit. (16)

e persistente trava batalhas com meu sangue.

Ovídio, na *Arte de Amar*, também descreve o deus do Amor como um deus que provoca ferimentos e dor, mas que será domado por sua arte.

Aeacidae Chiron, ego sum praeceptor Amoris;
saeuus uterque puer, natus uterque Dea.
Sed tamen et tauri ceruix oneratur aratro
frenaque magnanimi dente teruntur equi,
et mihi cedit Amor, quamuis mea uulneret arcu
pectora iactata sexcutiatque faces.
Quo me fixit Amor, quo me uiolentius ussit,
hoc melior facti uulneris ultor ero. (17-24)

Quíron é o preceptor de Aquiles, eu sou do Amor;

cruel um e outro menino, nascido de uma deusa um e outro.
Mas também sobre o pescoço do touro pesa o arado
e os freios são mordidos pelo dente do magnânimo cavalo,
e o Amor cede a mim, embora ferisse meu peito com o arco
e agite suas tochas lançadas.
Tanto me feriu o Amor, tanto mais violento me queimou,
quanto melhor vingador serei da ferida feita.

Observamos que Ovídio compara o Amor ao maior herói da guerra de Tróia, Aquiles, descendente de *Éaco* (*Aeacidae*), não só pelo valor guerreiro, mas também pela ascendência divina. Ligado ao Amor, encontramos o arco (*arcu*) e as flechas que se transformam em tocha (*faces*) ao serem lançadas e provocam dor e ferimentos (*uulneret*). Contudo, diferente dos outros poetas que são subjugados pelo amor, Ovídio se coloca como dominante. Segundo o poeta, ele teria ensinado tudo o que o amor sabe, já que se diz seu preceptor, como o centauro Quiron ensinou Aquiles. Também mostra que pode subjugar o Amor comparando-o ao touro sob o jugo e ao cavalo detido pelo freio. E finalmente se coloca como um guerreiro maior que o próprio Amor, pois usa para se definir nesta batalha como *ultor*, vingador, substantivo usado como epíteto para Marte, o deus da guerra. Novamente, então, temos associados os deuses do amor e da guerra.

Como notamos, todos os principais poetas latinos que utilizam o verso elegíaco, usam a comparação do sentimento ou do ato amoroso com uma batalha e também associam os deuses do Amor e da Guerra. Podemos afirmar que, na elegia, amor e guerra andam unidos, como os amantes, Afrodite e Ares, na mitologia grega, ou Vênus e Marte, na romana. O amor é, pois, uma moeda, que em uma face traz o prazer e na outra a dor.

BIBLIOGRAFIA:

BAYET, Jean. *Literatura latina*. Barcelona: Editorial Ariel S.A., 1985.

CATULLE. Poésies. Paris: Les Belles Lettres, 1998.

GRIMAL, Pierre. *Le lyrisme à Rome*. Paris: PUF, 1978.

_____. Dicionário de mitologia grega e romana. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

- GUILLEMIN, A. L'élément humain dans l'épigramme latine. In: *Revue des études Latines*. Paris: Les Belles Lettres, 1940.
- _____. Sur les origines de l'épigramme latine. In: *Revue des études Latines*. Paris: Les Belles Lettres, 1939.
- KENEY, E. J. y CLAUSEN, W. V. *História de la literatura clásica* (Cambridge University). v. II. Literatura Latina. Editorial Gredos S.A., /s.d./.
- LUCK, George. Love elegy. In: *History of Classical Literature*. Latin Literature. Cambridge: Cambridge University, 1982.
- MARTIN, René et GAILLARD, Jacques. *Les genres littéraires à Rome*. Tome I. Paris: Scodel, 1981.
- _____. *Les genres littéraires à Rome*. Tome II. Paris: Scodel, 1981.
- OVIDE. L'Art d'aimer. Paris: Les Belles Lettres, 1924.
- PARATORE, Ettore. *História da Literatura Latina*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.
- PROPERCE. *Épigrammes*. Paris: Les Belles Lettres, 1961.
- SPALDING, Tassilo Orpheu. *Pequeno dicionário de literatura latina*. São Paulo: Cultrix, /s.d./ 270 p.
- TIBULLE. *Épigrammes*. Paris: Les Belles Lettres, 1950.